

Escola rural adapta o programa de alfabetização à vivência do aluno

Francisco Stuckert

Pela manhã, os alunos começam a chegar. Às 8h15, chega a professora. Às 8h20, Guiomar Duarte Porto e seus 32 alunos da escola classe multisseriada da zona rural de Taguatinga começam a aula, cantando: "Panela no fogo, sinhá, panela no fogo, sinhá, vamos fazer um chá". O tema da aula do dia pode ser uma planta ou um inseto, trazidos do cerrado por algum aluno. Diferente do método convencional de ensino praticado pelas escolas urbanas, na escola rural Jibóia o programa de alfabetização é adaptado de acordo com a vivência do aluno.

Localizada a 10 quilômetros da Rodovia BR-60, em plena zona rural, a escola acompanha alunos do pré-primário à 4ª série, todos reunidos em uma única sala de aula. Para chegar, alguns caminham até seis quilômetros a pé, e no caminho recolhem sempre alguma coisa. Segundo a professora Guiomar Porto, que há quatro anos trabalha com o método, esta foi a razão para mudar o planejamento das aulas. No início, eu não sabia o que fazer com tudo aquilo. Até que um dia tive a idéia de aproveitar o que é próprio do meio delas para desenvolver o aprendizado", conta.

A experiência deu certo. Trabalhando juntos com o mesmo assunto, os alunos desenvolvem trabalhos diferentes, adaptados a cada nível de escolaridade. Para a próxima segunda-feira, por exemplo, eles preparam uma aula sobre



Utilizando os elementos do cotidiano das crianças, Guiomar conduz suas aulas e educa os alunos

a cana-de-açúcar. O tema foi escolhido porque sete dos alunos da classe, todos irmãos, trabalham em uma fazenda da região onde estão colhendo o produto e transformando-o em cachaça e outros derivados. "Para o aluno é gratificante falar de algo que ele conhece na prática, dá segurança", diz a professora. Com o tema, a turma montará palavras que comecem com a letra "C", escre-

verá histórias e textos sobre o produto e pesquisará sua origem e funcionalidade.

Canções — Na sala de aula, mais do que muitos livros ou cadernos, estão os trabalhos feitos pelas crianças, como maquetes dos meios rural e urbano, cartazes com canções e até uma árvore seca. Em cada galho, há uma letra do alfabeto e objetos pendurados de acordo com a primeira letra da

palavra que os denomina. Para se ter uma idéia da diferença entre o mundo escolar rural e o urbano, basta dar uma olhada no galho da letra "C". Pendurados, estão uma cabeça, uma cuia e uma cumbuca, entre outros. Palavras não exatamente usuais no nosso vocabulário cotidiano. "Este método tem algo de construtivismo, mas é mais uma troca de experiências, onde todos aprendemos", conclui.